

Pesquisa em Ação

Trilhando Caminhos em Educação

Ronaldo Luís Goulart Campello
(Organizador)



 Editora
Atena

Ano 2018

Ronaldo Luís Goulart Campello

(Organizador)

Pesquisa em Ação
Trilhando Caminhos em Educação

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P474 Pesquisa em ação [recurso eletrônico]: trilhando caminhos em educação / Organizador Ronaldo Luís Goulart Campello. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-00-0
DOI 10.22533/at.ed.000181407

1. Folclore - Brasil. 2. Lendas brasileiras. 3. Literatura brasileira - Contos. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 398.2098

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A proposta deste trabalho escapa/surge em meios as classes de sala de aula, salas de professores, e também às salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados, mas, tem seu cerne em uma Escola Técnica Estadual localizada no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS. Uma ideia que se teve de pensar para além das estrias que demandam este corpo-educação. Pensou-se ser necessário discorrer sobre práticas de ensino, formação docente; metodologias que busquem propor uma face de passagem plana, resvaladia, deixando assim, fruir encontros dos corpos que fazem educação, alunos, professores...

Deste modo, se oferece neste instrumento-livro e seus movimentos, sopros de ar fresco, não fórmulas, não guias, tampouco manuais práticos ou de auto-ajuda que digam como fazer docência num ambiente que se pensa estar já bem poluído e estriado pela ferrugem de práticas quiçá desatualizadas e que não contemplam todos que imergem neste oceano, para neste campo, profundo e repleto de monstros que tentam nos devorar no dia a dia de nossas docência. Não. Não é esta a ideia deste instrumento-livro. Este é um texto colaborativo escrito em meio às classes de sala de aula, salas de professores, e também nas salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados destes que buscam pensar uma educação comprometida e fruída.

Aqui nestas páginas se busca tratar de temas/práticas que são pertinentes as demandas de sala de aula, não tomando como regra ou colocando em primeiro plano, uma ou outra escrita, nem tomando como verdade uma ou outra prática, mas sim oferecer registros/lentes de práticas docentes que possam ajudar a vislumbrar com perspectivas novas o oceano que se apresenta as naus que de nosso pensamento navegam neste oceano seguindo sempre linhas de horizontes possíveis.

A todos uma boa leitura.

- Ronaldo Campello -

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BRINCAR NA RUA	
<i>Catiúscia Daniela</i>	
<i>Marta Bottini</i>	
CAPÍTULO 2	7
UMA INTERVENÇÃO SOBRE IDENTIDADE NO MEIO ESCOLAR	
<i>Juliana Boanova Souza</i>	
<i>Lidiane Maciel Pereira</i>	
<i>André Luis Ferreira Andrejew</i>	
CAPÍTULO 3	14
PROFESSOR-FLÂNEUR-CARTÓGRAFO-PESQUISADOR...	
<i>Ronaldo Luís Goulart Campello</i>	
<i>Cynthia Farina</i>	
CAPÍTULO 4	24
APRENDIZAGEM LÚDICA DE LÍNGUAS MEDIADA POR TDIC'S	
<i>Neemias de Oliveira Steinle</i>	
<i>Luis Roberto Volz de Oliveira</i>	
<i>Haidi Werhmann Reinar Steinle</i>	
CAPÍTULO 5	33
NARRATIVAS DO COTIDIANO DO BAIRRO FRAGATA: UMA PROPOSTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL	
<i>Carla Vargas Bozzato</i>	
CAPÍTULO 6	39
OS JOGOS DE AZAR E O ENSINO DE PROBABILIDADE E ANÁLISE COMBINATÓRIA	
<i>Fabrcio Monte Freitas</i>	
<i>Denise Nascimento Silveira</i>	
CAPÍTULO 7	50
APRENDER COM IMAGENS VISUAIS: FACEBOOK SALA DE AULA.	
<i>Jussara Costa Duarte</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho,</i>	
CAPÍTULO 8	58
PATRIARCADO, MASCULINIDADE(S) E AS MULHERES: ENTENDENDO A OPRESSÃO FEMININA	
<i>Amélia Teresinha Brum da Cunha</i>	
CAPÍTULO 9	68
A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR-CARTÓGRAFO: COMO CHEGAMOS A "SER" PROFESSOR?	
<i>Jorge Garcia</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho</i>	
CAPÍTULO 10	80
O ENUNCIADO É UMA CONVENÇÃO DE TODOS OS CONTEXTOS	
<i>Marcio Nilander Ávila Barreto</i>	
<i>Vera Lúcia Cardozo Bagatini</i>	
<i>Maicon Farias Vieira</i>	

CAPÍTULO 11	89
UM APRENDER EM OFICINAS DE ESCRITURAS NA ESCOLA	
<i>Josimara Wikboldt Schwantz</i>	
<i>Carla Gonçalves Rodrigues</i>	
CAPÍTULO 12	97
NOTAS: UMA CARTOGRAFIA; SUSPEITAS E POSSIBILIDADES ACERCA DO CORPO	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i>	
<i>Ursula Rosa da Silva</i>	
<i>Ronaldo Luis Goulart Campello</i>	
SOBRE OS AUTORES	105

CAPÍTULO 1

BRINCAR NA RUA

Catiúscia Daniela

catiusciadaniela@gmail.com

Marta Bottini

marta.lizane@gmail.com

Introdução

Este texto se propõe a relatar as observações feitas com um grupo de crianças, ‘brincando na rua’, sem a interferência de adultos, realizadas por uma dupla de acadêmicas da disciplina de Práticas Educativas V, do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, numa tarde de sábado no mês de Junho de 2017. Crianças brincando livres. Suas idades? Entre sete e doze anos. O que chama atenção é estarem na rua, jogando bola, trepando em árvore, correndo com carrinhos de madeira, uns empurrando outros, poças de água, barro, meninos e meninas juntos, etc. Pouco se vê nos dias de hoje este tipo de socialização. Nossa sociedade cada vez mais conectada não permite que, nem mesmo crianças, escapem(os) do uso frequente dos recursos tecnológicos, que vestem a carapuça dos jogos “online”, e se apresentam em celulares, tablets, smartphones, computadores, ‘aprisionando’ estas crianças em seus quartos, em lan house, não permitindo que elas experimentem de um modo real estímulos que tais jogos tentam estimular.

Sabemos que crianças brincam desde a tenra idade e com o passar dos anos o brincar fica cada vez mais elaborado. Algumas brincadeiras ou jogos passam a ter regras próprias e estas passam a ser construídas a cada nova brincadeira ou a cada novo grupo de crianças, regras novas e antigas que se fazem e desfazem, conflitos que surgem entre elas em meio as atividades, alguns se resolvem rapidamente, outros demoram um pouco. É, deste modo, portanto, “um processo de educação e produção cultural” (VYGOSTKY, 1985), crianças desde muito cedo aprendendo a resolver os conflitos que se apresentam, aprendendo brincando. Na fala de Ortiz (2012, p.103), tais atividades as quais as “crianças brincam: de correr, de casinha, de carros, de bola, de heróis, de jogos de quintal. Brincam de modo cada vez mais elaborado, do exercício motor a complexos jogos de regras, passam principalmente pelos jogos simbólicos ou faz de conta”.

Brincar está além de ser crianças correndo livremente no pátio, pela rua, sem orientação, desnorteadas, correndo simplesmente por correr, para extravasar. Desta forma, interessa pensar que “brincar envolve prazer, tensões, dificuldades e, sobretudo, desafios”, (FRIEDMANN, 1996, p.119). Ao estudarmos e discutirmos as brincadeiras do universo infantil compreendemos o quanto enriquecem o desenvolvimento das crianças e

valorizam-nas pelo que elas são e pela capacidade de produzir, ampliar e preservar um acervo de brincadeiras, os quais elas irão levar consigo por toda uma vida, e, “tomar consciência desse processo requer, na verdade, mudanças em cada um de nós. Essas mudanças, porém, não acontecem de forma automática: são necessárias vivências pessoais e incorporar o espírito lúdico em nossas vidas” (idem).

Uma tarde de pega-pega, pique esconde, e jogo de bola.

Era o dia 10 de Junho de 2017, a tarde estava linda, o céu bem azul, nada melhor do que brincar na rua depois de quase duas semanas de chuva e tempo nublado. Aqui iniciamos a narrativa deste que foi um trabalho que envolveu um grupo observado, formado por oito crianças, amigas entre si, que foram chegando devido aos gritos e risadas na rua. Nas brincadeiras e jogos, as crianças se descobrem, se reconhecem nos seus pares, constroem novos significados e desenvolvem novas habilidades, são cúmplices, são rivais, são paqueras, são simplesmente crianças.

Assim começou a tarde das duas alunas do curso de Licenciatura em Pedagogia. Já havíamos combinado anteriormente que se o tempo estivesse bom, iríamos fazer o trabalho de observação da disciplina na rua que havíamos já definido. Uma rua do bairro Fragata, próximo à residência das duas colegas de aula, pois, sabíamos que nesta rua ainda existem crianças que brincam de jogar bola, taco, pega-pega, pique esconde, que correm, gritam, brigam, e se entendem. Uma rua onde o tráfego de carros, às vezes, interrompe as brincadeiras, e o cuidado dos adultos com as crianças tem que ser maior. Não que eles não deixem de observar de vez em quando para ver se as coisas transcorrem normalmente, afinal, pai tem destas coisas. atento.

Quando chegamos à referida rua que havíamos combinado, uma mãe já tinha sido comunicada; para que seu filho fosse à busca dos amiguinhos para que pudéssemos fazer a observação.

Não demorou muito e a tarde de brincadeiras se iniciou com duas crianças, o João¹ de sete anos, e o Pedro de oito, ambos a bater de porta em porta, e a gritar nos portões, chamando os colegas, mas, a criançada não estava em casa. Mas, enquanto chamavam os outros a brincadeira já começava, pois o corre-corre de um lado para o outro e as gargalhadas anunciavam que estavam ali para brincar. Tanto procuraram e não encontraram que decidiram brincar entre eles, afinal, os dois já eram muitos, e dali surgiram já as primeiras brincadeiras: de corrida e pega-pega. Enquanto correm de um lado para o outro de casa em casa já estão se divertindo, até o momento que param, se olham e decidem jogar futebol.

Tínhamos a expectativa de um grupo maior de crianças, mas não foi o que aconteceu. Resolvemos observar a dupla, eles ainda não se conheciam, só sabiam que eram crianças e que ali era uma rua cheia de oportunidades e coisas para descobrir e o sol estava brilhando, tanto e tão quentinho que não poderiam desperdiçar aquela tarde sem brincar.

1 João e Pedro, assim como todos os nomes das crianças que neste texto surgem são nome fictícios.

Após uma breve partida de futebol, de 15 minutos, resolveram descansar e trocar a atividade. Lembraram-se neste momento de perguntar seus nomes. Isso mostra que as crianças são desprendidas de apresentações, já são amigas e parceiras para brincar sem ao menos se conhecerem, isso não tem importância. Descobriram seus nomes, aqui modificados, se olharam, pensaram um pouco, e depois de correrias; jogo de bola, eles resolveram olhar para algo que existe em grande número na rua, as árvores. Com um olhar de criança logo subiram nas mais fáceis de subir, umas eram altas outras não, um dos meninos não conseguia, o outro corria para encontrar uma em que eles os dois pudessem subir.

Entre uma brincadeira e outra, as conversas, faziam/fazem/fizeram parte da tarde de sol. Em dado momento, percebemos que as crianças nos olhavam, sabiam que estávamos ali para observá-las, tinham concordado, estavam cientes do porquê estávamos ali. Por um segundo, pensamos que isso poderia interferir, então, resolvemos nos afastar e observar de uma distância maior. Pensamos que talvez nossa presença estivesse de algum modo 'inibindo' as atitudes dos mesmos. Em meio a procura de uma árvore e outra, encontram uma poça d'água, gravetos pelo chão, restos de uma poda, lenha para fogão, mas para eles: espadas com as quais brincaram de Star War, lutas. Fizeram daqueles pedaços de gravetos os mais inusitados brinquedos, ferramentas: chave de fenda, martelo, etc. A poça d'água virou canteiro de obra. Esgravataram aquela poça até sua água virar lodo. O que já se tornou matéria-prima para suas imaginações.

Em certo momento, ficamos receosas, pois, um microônibus iria passar pela rua enquanto eles brincavam na poça. Eles perceberam, viram o veículo e disseram:

– Vamos correr! Neste momento tivemos de interferir, pois, a ideia inicial de um dos meninos foi de correr na frente do veículo.

– Venha, vamos correr na frente do ônibus!

Foi quando eles ouviram um grande e sonoro 'NÃO!' precisamos gritar, e ainda assim, eis que decidem correr atrás do veículo, e assim fizeram até a metade da quadra. Um susto e um risco que correremos, pois, bem sabemos que muitos acidentes acontecem.

Depois deste pequeno susto, um dos meninos resolveu trazer um carrinho parecido com um fórmula 1 para correrem, um empurrando outro, enquanto um sentava o outro empurrava. Gritos, algazarra, suor, rostos vermelhos, era lindo ver a satisfação daqueles meninos em dividir aquele momento de alegria.

– Chegaram elas!

– Disse um dos meninos feliz. Gritou bem alto quando viu duas meninas dobrando a esquina. Creio que as risadas, o barulho das brincadeiras o corre-corre chamou a atenção das mesmas para irem até lá ver o que estava acontecendo. Em seguida chegou mais outra menina. Conversaram um pouco e agora o grupo era maior, novas perspectivas, novas ideias, conflitos, brincadeiras... João, Pedro e agora Maria Clara de dez, Marcela de sete e Valentina, também de dez anos, trazem mais vida àquela rua, àquela tarde de sol.

Os meninos logo convidaram as meninas para jogar futebol, dividiram-se em dois times: Meninos x meninas, elas em maior número. Percebemos que eles eram os líderes,

sempre dando as ordens e ditando as regras do jogo, não sabemos ao certo o motivo. Imaginamos muitas coisas, pensamos inúmeras razões possíveis: talvez por eles terem a bola ou por terem iniciado a tarde de brincadeiras, serem os primeiros a ocupar aquele espaço; por acharem que por serem meninos sabiam mais e jogam melhor futebol, enfim, não importa, o que importa é que nem o barro da rua, o frio, o pênalti que não existiu, os carros transitando pela rua, o cansaço, nada impediu que corressem, gritassem e chutassem a bola. Todos se divertiram muito, mas, eis que o cansaço chega.

–Tempo! Tempo! Gritou um deles, preciso beber algo. Os dois foram até a frente de uma das casas e beberam um suco que um pai havia deixado. Esqueceram de convidar as meninas, que ficaram juntas e próximas de uma árvore. Mas eis que surge uma mãe e pede que um dos meninos convide as meninas para o suco. Ele convidou, mas nenhuma delas quis se servir com os meninos.

Neste período de descanso chega mais um menino, trazido por seu padrinho, Gustavo de doze anos, o mais velho do grupo. O barulho da criançada, as gargalhadas, os latidos dos cachorros, a algazarra toda, achamos que isso despertava a vontade das crianças saírem de dentro de casa. Talvez sim, talvez não!? Não pensamos mais sério sobre esta questão, mas se nos dedicarmos a este tema podemos questionar/indagar o que desperta a vontade de as crianças brincarem com seus colegas? Que brinquedos mais estimulam a interação em grupo?

Às vezes, eram seis; daqui a pouco olhávamos para um lado, e um sumia, nos preocupávamos quando isso ocorria, pois os pais nos deixaram bem à vontade junto das crianças, e naquele momento eles eram nossa responsabilidade.

Notamos que depois da chegada do menino mais velho, as meninas pareciam envergonhadas e se afastaram. Pedro nos relatou que elas queriam namorar o Gustavo. Pensamos que as meninas estavam envergonhadas de estarem ali ‘brincando’ com meninos mais novos, e que a presença de um menino mais velho que elas as deixou envergonhadas ao verem-nas brincando com meninos menores. O engraçado nisso, é que o menino maior estava ali para brincar, nem as horas para as meninas, que resolveram ir embora. O carrinho voltou, e agora os menores, João e Pedro, tinham um reforço maior para empurrá-los.

Derrapagens no barro, subidas e descidas nas calçadas, gargalhadas, gritos, conversas afastadas dos adultos, tudo era observado, anotado, discutido entre as discentes.

A rua que observamos tem como rotina ter crianças brincando nela. São vários grupos, nunca é o mesmo. Às vezes uns estão, outros não, uns podem outros não, é uma rua movimentada no que diz respeito ao trânsito de automóveis, mas, as crianças observam a movimentação dos veículos e correm para a beira das casas. Às vezes, um fica para trás, mas geralmente um adulto observa o grupo, cuida.

As meninas apareceram novamente, mas resolveram ficar entre elas, não se misturam, só observavam os meninos brincarem com o carrinho. Resolveram subir numa árvore e ali permanecem conversando.

Eram seis novamente, desta vez separados por gêneros; meninos de um lado

meninas de outro, não houve conflitos entre eles em momento algum, simplesmente em seus processos, resolveram agora não brincarem juntos.

Galhos de árvores surgem novamente, bicicleta, corrida, o cansaço chega, o sol começa a se por e o frio vai ficando mais intenso. Guardam a bicicleta, as meninas se vão, e quando estavam pensando em terminar a brincadeira, e cada um ir para sua casa, chegam mais duas colegas, Sandro de onze anos e Márcia de nove. Conversam, correm, sobem em árvores, até que se ouve uma das mães dizer que estava ficando tarde, e que precisavam se recolher. Isso já era algo em torno das 18 horas. Mas as crianças queriam ficar brincando... Claro! São crianças e é fim de semana, eles querem aproveitar.

Mas, eis que a brincadeira acaba, tem de acabar. As alunas agradeceram a todos e tiraram algumas fotos com alguns que ainda estavam pela rua e saíram de lá satisfeitas e felizes, afinal, foi uma tarde agradável e divertida.

A etnografia como proposta de investigação

A proposta de escrita e observação deste trabalho perfaz caminhos do método etnográfico de pesquisa, o qual, segundo Mattos (2011), diz que

a etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. (MATTOS, 2011, p. 50)

Desta forma, o planejamento das atividades, as observações, a escrita deste texto se aproximam dos propósitos de uma pesquisa etnográfica, pois, foi preciso que as investigadoras se articulassem e pensassem estratégias de como observar um grupo de crianças brincando sem a interferência de adultos, dizendo-lhes o que fazer, coordenando suas atividades. Foi preciso ressignificar o objeto de análise, dar outros sentidos ao que se imaginava saber, ou seja, esta era uma questão da proposta deste trabalho: como observar um grupo de crianças interagindo entre si sem a intervenção de adultos? O que era preciso fazer? Como fazer? Aproximar estas crianças, reuni-las em um determinado espaço e deixar que suas naturezas infantis fizessem o restante; se relacionassem coletivamente com seus iguais. Desta forma, “situações sóciointeracionais, [...] um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas” (idem) produzissem os resultados os quais estávamos lá para descobrir. Mas e quem disse que estes eram os resultados esperados? Eram hipóteses e mais hipóteses... Precisamos adequar nosso material de análise às significações que nos foram postas, a partir dos resultados que obtivemos, “os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formuladas ou recriadas para atender à realidade do trabalho de campo” (MATTOS, 2011, p. 50).

Ao estarem lá brincando, sem se preocuparem se estavam sendo observadas ou não, as crianças constituíam-se em objetos de interações desta pesquisa, deste modo Mehan (1992) assegura que “o objeto de pesquisa pode ser o sujeito, sendo considerado

como a agência humana no ato de significar as contradições sociais evidenciadas nestas estruturas e processos interacionais”. Enquanto estavam lá interagindo umas com as outras, as questões de gênero, por exemplo, não evidenciaram nenhum empecilho. Não havia classe social que define o tipo ou o modo de brincar de cada. Havia igualdade entre todos e salvo as relações estabelecidas entre os mesmos, ora um empurrava, ora o outro era empurrado, por exemplo, mais pela questão de todos terem os mesmos ‘privilégios’ na hora de usufruir da atividade proposta, do que de relações de poder.

Contextualizando as observações feitas.

O brincar das crianças surge nestas linhas para contextualizar de que forma essas culturas infantis possibilitam e beneficiam o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, e como possibilitar métodos/modos que possam assim colaborar para a formação de professores que trabalham com educação infantil. O processo investigativo e o olhar sensível do professor é fundamental para que se possa quebrar com paradigmas onde o ato de brincar se tornou barato e desnecessário, algo sem importância.

Estamos imersos em uma sociedade pouco acolhedora, que assola nosso modo livre de pensar e agir; na escola não é diferente. A escola é o local onde transformações ocorrem, padrões devem ser anulados, ou postos a prova, em xeque, e devemos pensar, porque não, a partir do brincar. Contudo, pensar o professor como um grande mediador nessa relação do brincar requer entender/perceber tais conceitos que são constituídos a partir de definições pré-estabelecidas nas relações de poder que a sociedade exala. É preciso questionar, antes de tudo, o que está posto, questionar nossa docência e estarmos atentos aos pré-conceitos já estabelecidos, pensar que as crianças em suas particularidades são capazes de construir, produzir novas estratégias, criando e recriando seus mundos próprios da melhor forma que lhes constituem. Desta forma o brincar não é barato. Existe processo de formação que se constituem, interações, socializações, “toda prática cultural e simbólica, as brincadeiras apresentam inúmeras possibilidades educativas” (FILHO, 2010, p. 93)

Referências

FILHO, Altino José Martins. Olhares investigativos sobre as crianças: O brincar e a produção das culturas infantis. *Momento*, Rio Grande, 19(1): 89-104, 2010. Disponível em: < <file:///D:/Users/Ronaldo/Downloads/1463-4166-1-PB.pdf> > acessado em 04/07/17.

FRIEDMANN, Adriana. Brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil/ Adriana Friedmann – São Paulo: Moderna, 1996.

ORTIZ, C. e CARVALHO, M. Interações: ser professor de bebês- cuidar, educar e brincar, uma única ação. 1ed. Editora Edgar Blucher, 2012.

VYGOSTSKY, L. S. Obras Escogidas. vol.III. Madrid: Centro de publicaciones del MEC y Visor Distribuciones, 1985.

SOBRE OS AUTORES

Alberto d'Ávila Coelho Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas – IFSUL; Dep. de Ensino de Graduação e de Pós-Graduação Membro dos Grupos de pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia. EXPERIMENTA/ CNPq/ IFSUL ArteVersa - Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte e Docência - CNPq/FACED/UFRGS

Amélia Teresinha Brum da Cunha Doutora em Educação. Bolsista Pós-Doc. no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFPEL). Membro do Conselho Editorial da Revista Cadernos de Educação/UFPEL. Áreas de interesse: gênero e educação; políticas educacionais; currículo; formação docente.

André Luis Ferreira Andrejew Graduação em Matemática Aplicada e Computacional; Mestre em Ciência da Computação e Doutor em Informática na Educação. Atualmente é professor do departamento de educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Carla Gonçalves Rodrigues Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL.

Carla Vargas Bozzato Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Catiúscia Daniela Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Cynthia Farina Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona, coord. do GP Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia (EXPERIMENTA); Prof.^a do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL Pelotas RS, Brasil.

Denise Nascimento Silveira UFPEL - Universidade Federal de Pelotas; Instituto de Física e Matemática – IFM; Departamento de Matemática e Estatística – DME Campus Universitário Capão do Leão – RS - BRASIL

Fabrcio Monte Freitas Doutorando em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – FURG/ UFSM/UFRGS/Unipampa; Lic. Matemática – Mestre em Educação. SEDUC RS – EEEM Dr. Augusto Simões Lopes; Pref. Mun. de Pelotas – EMEF Antônio Joaquim Dias; Colégio Sinodal Alfredo Simon

Haidi Werhmann Reinar Steinle Psicopedagoga Clínica e Institucional.

Josimara Wikboldt Schwantz Mestre em Educação. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL - PPGE.

Jorge Garcia Mestre em Educação pelo curso de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologias, do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – MPET- IFSUL;. Especialista em educação – IFSUL. Graduado em licenciatura e bacharelado em Filosofia da Universidade Católica de Pelotas – UCPel.

Juliana Boanova Souza Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES; Pertence ao grupo de professores do Projeto de extensão Desafio pré-vestibular da UFPEL.

Jussara Senna Costa Duarte Mestre em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Especialista em EAD – UCB; Membro dos Grupos de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta/ CNPq/ IFSUL.

Lidiane Maciel Pereira Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL e Mestranda no Programa de Pós Graduação desta mesma Universidade. Atualmente busca por temáticas ligadas a educação inclusiva e educação Matemática.

Luis Roberto Volz de Oliveira Docente de Linguagens e suas Tecnologias com formação em Lingüística.

Maicon Farias Vieira Mestre em Educação e Tecnologia: Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia IFSUL – Rio-Grandense – Campus Pelotas - RS. Professora Estadual de Língua Portuguesa em Pelotas - RS. Participante do Grupo de pesquisa Discurso Pedagógico.

Marcio Nilander Ávila Barreto Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas. Acadêmico de Pedagogia FAE/ UFPEL. Graduado em Administração. Especialista em Gestão de Pessoas e. Membro do GP Discurso Pedagógico.

Marta Lizane Bottini dos Santos Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pós-graduada em Psicopedagogia Educacional pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA; Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela UFPEL

Neemias de Oliveira Steinle Docente de Linguagens e suas Tecnologias e de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação com formação em Lingüística, Pedagogia, Psicopedagogia.

Ronaldo Luís Goulart Campello Mestre em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Membro do Grupo de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta / CNPq/ IFSUL. Graduando em Licenciatura em Geografia UFPEL Pelotas – RS; Pedagogo pela ULBRA. Poeta.

Ursula Rosa da Silva Dr.^a em Educação. É líder do grupo de pesquisa *Caixa de Pandora: Estudos em Arte, gênero e Memória* (CNPq/UFPEL), Atua na área de ensino da arte, com ênfase em filosofia da arte, crítica de arte, cultura visual, gênero, estética e cotidiano na contemporaneidade. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pelotas – RS

Vera Lúcia Cardozo Bagatini Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas - RS. Graduada em Letras – Habilitação Espanhol – pela UFPEL, professora da Rede Municipal de Pelotas - RS.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-00-0

